

2015



PROJETO
MANUSCRITOS



Education and Culture DG

'Youth in Action' Programme





Ficha Técnica

Título: "Manuscritos 2015"

Editado no âmbito do Projeto Manuscritos, suportado pelo Programa Juventude em Ação da União Europeia. Realizada também no âmbito da Plataforma Manuscritos 2015

Obra Coordenada por: Mestre Abraão Costa, Dra. Maria Ferreira e Araújo

Correção e Revisão Gráfica: Mestre Abraão Costa, Dra. Maria Ferreira

Propriedade de:

Plataforma de Animadores Socioeducativos e Culturais

Rua Barão de Joane, 129, 2ºB, Edifício Sinções

4760-019 Vila Nova de Famalicão

Telefone – 00351 917 380 178

Sítio na internet – www.pasec.pt

Email – pasec.geral@gmail.com – geral@pasec.pt

Depósito Legal n.º

Dezembro 2012

Impressão na Gráfica das Aves

Índice

Introdução	7
Os Objetivos do Milénio	9
Crianças construtoras do saber	11
Metodologia	12
Reflexões sobre os Objetivos do Milénio – O que pensam as crianças?	13
Testemunhos dos Especialistas	17
Testemunhos de Jovens	27
Já fomos, queremos continuar a ser... mas com todos	34
Pensamos e intervimos através do desenho... ..	37



Introdução

Esta obra, parte dos produtos finais do projeto Manuscritos 2015, surge como medida de continuidade, como forma de disseminação dos resultados do projeto e como forma de avaliação do projeto recorrendo a depoimentos reais de alguns dos seus participantes diretos.

Este projeto foi apoiado pelo Programa Juventude em Ação da União Europeia. Esta parte do projeto teve como principal objetivo levar as crianças, jovens, especialistas e decisores políticos a demonstrar à sociedade local em que estavam envolvidas que também eles são construtores e produtores de saber, capaz de gerar soluções para os problemas do quotidiano. Este livro, é resultado de um processo de investigação onde crianças, jovens, especialistas e decisores políticos refletem os Objetivos do Milénio (ODM) tendo em conta a própria experiência de vida.

Esta é uma obra simples, fácil de ler e pensada para todas as idades de quem queira tirar 30 minutos para a ler. É para educadores, pais, filhos, avós e quem tiver disponibilidade para perceber um pouco mais sobre o mundo que o rodeia.

Irão aqui ser trabalhados quatro dos Objetivos do Milénio sendo eles: a Sustentabilidade Ambiental, a Igualdade de Género, a Pobreza Extrema e o Ensino Básico. Estas áreas são problemas que têm sido discutidos em muitos países com a finalidade de tornar o mundo um lugar mais justo e solidário. Esta obra irá mostrar-nos, através de testemunhos e reflexões, formas que ajudariam a resolver estes problemas tão presentes nas nossas vidas.



Os Objetivos do Milénio

Os Objetivos do Milénio têm sido discutidos, elaborados e expandidos em muitos países, estes consistem num conjunto de metas pactuadas pelos governos dos 191 países-membros da ONU (Organização Nações Unidas), com a finalidade de tornar o mundo um lugar mais justo, solidário e melhor para se viver.

Pessoas de todo o mundo sofrem de vários tipos de exclusão social, seja por não terem cuidados com a saúde, nível de escolaridade básico ou mesmo por não terem o que comer. Muitas destas pessoas morrem pois não têm ao seu alcance recursos capazes de lhes proporcionar melhor qualidade de vida.

No ano 2000, 189 países reuniram-se nas Nações Unidas para partilhar uma visão e uma responsabilidade para assegurar a todos um desenvolvimento económico e social, dignidade e justiça. Concordaram em 8 objetivos a atingir até 2015: os Objetivos de Desenvolvimento do Milénio.

O primeiro objetivo de desenvolvimento do Milénio é reduzir a pobreza extrema, ou seja, consiste em reduzir o número de pessoas que vive com menos de um dólar por dia. A pobreza conduz o ser humano à subnutrição e à doença, não havendo produtividade económica, pois esta reduz o rendimento.

O número de crianças a frequentar a escola tem aumentado nos últimos anos, mas, mesmo assim, ainda existe muito trabalho a ser feito. A educação é fundamental para acabar com a pobreza, constatando assim, que alcançar o ensino primário universal é mais um dos objetivos do Milénio. A Educação está diretamente ligada ao nível de vida da nossa sociedade, pois permite ao ser humano ter uma melhor qualidade de vida.

Promover a igualdade de Género é outro dos objetivos a serem alcançados. As mulheres enquanto agentes sociais são desempenham um papel central e estrutural para o desenvolvimento social e económico dos países. Contribuem para todos os setores da sociedade desde o trabalho, à saúde, à educação. Apesar de ter havido uma melhoria significativa ainda

existem muitas mulheres que são mal remuneradas ou que não recebem qualquer vencimento.

Em muitos países a sobrevivência de um recém-nascido é reduzida, o subcontinente Asiático é a zona central destes acontecimentos, assim também se definiu como um dos ODM ser fundamental que se trabalhe no sentido de reduzir em dois terços a mortalidade infantil.

Reduzir em 75% a Mortalidade Materna é outro dos Objetivos de Desenvolvimento do Milénio, visto que, a cada ano, 500 mil mulheres morrem por não terem assistência e condições favoráveis á gravidez, ao parto ou ao pós-parto. Nos países em vias de desenvolvimento a maternidade é muitas vezes sinónimo de riscos graves de saúde.

Mais um dos ODM concertados entre os países que compõem a ONU foi combater o VIH/ SIDA, Malária e outras doenças. Este desígnio torna-se muitas vezes difícil, visto que as condições essenciais como habitação, tratamento e rendimento são, muitas vezes, escassas.

Outro dos ODM ambicionados foi garantir a sustentabilidade ambiental. Esta é um dever de todos, sendo que as nossas vidas dependem em muito do sucesso que tivermos neste campo. As alterações climáticas colocam em risco o ser humano e as espécies animais. Neste sentido é dada muita relevância às parcerias globais, visto que são fundamentais para reforçar ajudas e políticas comerciais ou até mesmo perdoar dívidas. Este foi o oitavo dos ODM propostos.

Esta obra irá trabalhar em concreto quatro dos Objetivos do Milénio, a Sustentabilidade Ambiental, a Igualdade de Género, a Pobreza Extrema e o Ensino Básico.

Crianças construtoras do saber

A criança insere-se na sociedade a partir do momento em que nasce, partilha e aprende. Parte-se do princípio que a criança é formada para que mais tarde se torne independente, o que não significa que a mesma não tenha curiosidade em relação ao Mundo que a rodeia.

As crianças também se apercebem dos problemas que existem à nossa volta, apesar dos adultos considerarem muitas vezes que não e que estes problemas devem ser-lhes omitidos. A criança é um ser altamente capacitado, sendo capaz de gerar soluções para os problemas do quotidiano e cabe ao adulto dar voz às mesmas. As crianças têm uma visão muito mais simplificada dos problemas que os adultos, o que não impede a sua colaboração, pois muitas vezes o adulto é que torna as situações mais complexas.

A sociedade acredita que o adulto deve solucionar os problemas e as crianças serem protegidos destes. Mas, se pensarmos um pouco, nem sempre é possível proteger a criança de situações desagradáveis. O adulto inventa desculpas sem sentido para justificar situações menos claras acabando por não solucionar o problema e envolver a criança em situações que a mesma desespera em compreender. Envolvê-la na resolução do problema, ainda que de forma equilibrada e prudente, parece-nos uma resposta mais sábia e harmoniosa com menos riscos de degenerar em situações dúbias.

Milhares de crianças sofrem com o flagelo da pobreza, a falta de acesso a oportunidades de ensino, com fenómenos de exclusão social e outros problemas de carácter físico e psicológico.

Sendo assim, porque não serem as próprias a criarem soluções para as problemáticas apresentadas?

Isto é possível, pois quando lhes é dada essa oportunidade, muitas vezes o resultado pode ser surpreendente. Infelizmente, estes problemas continuarão a existir e como as crianças de hoje serão o “futuro de amanhã”, importa proporcionar-lhes oportunidades de reflexão e envolvimento na resolução de problemas que dizem respeito a todos. Estaremos também assim a prepará-las para lidar com situações futuras.

Reflexões sobre os Objetivos do Milénio – O que pensam as crianças?

Sustentabilidade Ambiental

No final da investigação, foi-me permitido retirar algumas conclusões acerca daquilo que o grupo pensa em relação ao tema apresentado. O grupo referiu ao longo das reflexões a reciclagem, os transportes e a poluição como pontos centrais a desenvolver, resolver ou a executar. Através de uma banda desenhada escrita e ilustrada pelo grupo, estes tentaram transmitir algumas das soluções, tendo nestas inserido a reciclagem, salientando que as Câmaras Municipais deveriam estar mais presentes, controlando e sensibilizando os cidadãos para estes gestos.

Relativamente aos transportes, pensou-se em apostar mais em formações capazes de mover os cidadãos, principalmente jovens estudantes a utilizarem mais transportes públicos, para que haja um menor número de automóveis a poluírem o ambiente.

O grupo referiu também a influência dos grupos de pares para a mudança, ou seja, o grupo considera que o grupo de pares é capaz de mudar mentalidades. Os grupos devem deixar-se influenciar pelos aspetos positivos. O voluntariado, também foi uma conclusão que eles me transmitiram, sendo que a prática deste, seria fundamental para as vigias nas florestas, evitando assim incêndios.

(trabalho de investigação levado a cabo por Ana Araújo)

Igualdade de Género

Após a investigação feita com as crianças sobre a Igualdade de Género, chegamos a algumas conclusões acerca destes assuntos.

Muitas vezes a desigualdade de género surge porque não chegam sequer a ser dadas oportunidades às mulheres de demonstrarem a sua capacidade e a oportunidade de exercer certas funções. No trabalho realizado pelas crianças, ao longo da investigação, estas referiram que existem estigmas criados pela sociedade acerca de certos trabalhos, aliás, eles próprios estão a crescer com esses estigmas, devido à influência que o meio que os rodeia exerce sobre eles. Assim, quando abordamos as crianças com este tema, elas entenderam de imediato que aquilo que muitas vezes nos é incutido enquanto crianças nem sempre é totalmente verdade.

Para terminar a investigação acerca da Igualdade de Género o grupo chegou à conclusão de que uma das soluções para a resolução deste problema seria a igualdade de oportunidades entre géneros, ou seja, não devem haver entrevistas de emprego direcionadas só a mulheres ou só a homens, uma vez que pode existir vontade do género oposto para realizar essas tarefas.

A oportunidade de experimentar, da tentativa, deve ser dada igualmente aos dois géneros, mesmo que não passe de uma fase de experimentação.

(trabalho de investigação levado a cabo por Ana Araújo)

Pobreza Extrema

Partindo do princípio que este é um tema que causa alguma confusão às crianças, pois estas não conseguem ter uma visão muito clara daquilo que é a Pobreza a num nível extremo, conseguimos assim levá-las a compreender que existem situações críticas que necessitam de ser alteradas.

Uma das conclusões a que chegamos foi que devemos começar por ajudar quem está mais próximo de nós. Muitas vezes temos a pobreza residente na casa do nosso vizinho e quando pensamos em ajudar optamos por campanhas direcionadas para países distantes

Para estas crianças a ajuda deve partir de todas as pessoas que o possam fazer. Foi conclusão global que devemos continuar a apostar na recolha de alimentos e bens essenciais, acompanhado de planos de formação e acompanhamento que possam facilitar a superação dos níveis de pobreza extrema em que as pessoas se encontram.

(trabalho de investigação levado a cabo por Ana Araújo)

Ensino Básico

Quando abordado este tema com o grupo, eles centraram as suas ideias de resolução em pontos muito específicos. Para estas crianças a carência de ensino em alguns países está ligada diretamente à falta de recursos, nomeadamente à falta de professores, falta de escolas, falta de remunerações e também devido à falta de informação que os pais dessas crianças têm sobre a importância da formação.

O grupo referiu que a família deve ser também sensibilizada para que essas crianças consigam obter o direito a frequentar o ensino básico. Muitas vezes, são os próprios pais que não permitem que os filhos prossigam estudos, por isso devem ser organizados momentos com o objetivo de proporcionar reflexões de sensibilização aos respetivos pais. No entanto, existe a noção de que muitas vezes estas crianças não vão à escola porque têm de trabalhar para ajudar os pais. Assim, considerou-se que se existissem mais oportunidades de emprego, os pais não se sentiriam obrigados a isso.

(trabalho de investigação levado a cabo por Ana Araújo)

Testemunhos dos Especialistas

Sustentabilidade ambiental

A sustentabilidade ambiental consiste em viver usufruindo daquilo que a Natureza tem para nos oferecer, de modo a promover a qualidade de vida da humanidade, sem prejudicar a oportunidade de que as gerações futuras tenham acesso aos mesmos recursos.

Pensar em viver de uma forma ecologicamente correta para uma grande parte da população é algo muito difícil de imaginar e de implementar na vida quotidiana. No entanto, não se tem conhecimento que o mais difícil ainda é restaurar o que já foi destruído pelo homem e muitas vezes até impossível de concretizar. Sabendo que os recursos do nosso planeta são finitos, devemos preservar os componentes do ecossistema de maneira sustentável, usando somente o necessário.

Para poder evitar o esgotamento dos recursos naturais, é necessário o incentivo do crescimento económico de maneira consciente, onde se priorizam a qualidade de vida das pessoas em relação ao meio ambiente, mas sempre no sentido de reduzir a excessiva utilização de matérias-primas, incentivando a população a reciclar e a reutilizar.

Numa sociedade crescentemente consumista, em que cada pessoa tem uma pegada ecológica gigantesca, especialmente nos países desenvolvidos, a implementação de uma vida sustentável tem vindo a ser, há décadas, uma tarefa muito complexa. No entanto, não é por falta de informação que a população não adere a esta prática, mas por falta de um sentimento de comunidade e altruísmo.

No entanto, algumas práticas têm vindo a ser executadas nos últimos anos, nomeadamente a procura por energias limpas (energia solar, eólica, hidroelétrica), ou seja, sem o gasto de combustíveis fósseis, que para além de limitados, causam uma taxa de poluição elevada; a implementação em larga escala da agricultura biológica e a sensibilização da população através da

regra publicitária dos 5 R's - repensar, reduzir, reutilizar, reciclar e respeitar. Deste modo, cada cidadão pode optar por seguir uma vida mais sustentável sem pensar que os seus atos não são o suficiente porque, segundo Edmund Burke, “ninguém cometeu maior erro do que aquele que não fez nada, só porque podia fazer muito pouco”.

Concluindo, a sustentabilidade ambiental está ao alcance de todos nós e nada mais é do que uma conciliação entre a sociedade, crescimento económico e preservação ambiental.

Abílio Pinto – Professor do Ensino Secundário e Profissional especialista em questões ambientais

Igualdade de Género

Viveremos num mundo onde todos os seres humanos são respeitados em todos os seus direitos fundamentais? Homens e mulheres terão, hoje em dia, as mesmas regalias sociais e as mesmas oportunidades no mundo do trabalho?

Quando falamos em igualdade de género partimos do pressuposto que todos os homens e mulheres são cidadãos completamente livres para poderem fazer as suas opções e desenvolver totalmente as suas capacidades pessoais sem qualquer limitação, independentemente do seu sexo. O princípio da igualdade entre homens e mulheres está consagrado na Declaração Universal dos Direitos Humanos e na Constituição da República Portuguesa. No Tratado de Roma, assinado em 1957, ficou consagrado o princípio da igualdade de remuneração entre os homens e as mulheres. Compete a qualquer Estado-Membro assegurar e aplicar o princípio da igualdade de remuneração entre trabalhadores quer homens ou mulheres que executem o mesmo trabalho ou de valor igual.

Em pleno século XXI continuamos a assistir a algumas situações de injustiça em que os direitos fundamentais, que promovem a dignidade e a liberdade do ser humano, não são respeitados. Segundo a Organização Internacional do Trabalho continua a existir uma grande diferença entre homens e mulheres quanto às oportunidades de trabalho e à qualidade do emprego. Continuamos a viver situações muito problemáticas. No nosso país, após 30 anos de democracia, ainda existem diferenças salariais entre homens e mulheres em determinadas profissões e, com a crise que atualmente vivemos, estes problemas tendem a agudizarem-se. Segundo dados estatísticos, as mulheres ganham menos que os homens, continuam a efetuar trabalho não remunerado, é o caso das domésticas, ou mal pago, em profissões com baixas qualificações, o que as torna vulneráveis em termos financeiros e jurídicos. Também é um fator relevante para demonstrar esta desigualdade o facto de as mulheres encontrarem mais obstáculos que os homens na progressão das carreiras, constatamos que é insignificante o

número de mulheres que ocupa lugares de chefia. As mulheres encontram-se, ainda, num número mais reduzido de profissões e em piores condições no mercado de trabalho. É cada vez maior o número de mulheres que, por razões pessoais ou económicas, procura o mercado de trabalho mas os homens são os que prioritariamente são admitidos. As mulheres são as que sofrem mais com a situação de desemprego, são as primeiras a serem despedidas. É verdade que, por vezes, a mulher tem dificuldade em conciliar a sua vida familiar com a sua carreira profissional e isso obriga-a a viver em situação de precariedade. Embora muitos homens participem ativamente nas atividades domésticas, encontramos ainda um número considerável de mulheres sem qualquer tipo de ajuda que tem de conciliar a atividade profissional com a sua vida doméstica, sendo obrigada a trabalhar muitas horas sem qualquer remuneração.

Como podemos aceitar que estas situações continuem a existir? Quais as razões que estarão subjacentes a estas atitudes que promovem estas disparidades salariais e a injustiça social? A verdade é que, segundo as estatísticas as mulheres obtêm melhores resultados escolares e encontram-se em maioria a frequentar o ensino superior o que deveria ser um fator para promover a sua capacidade produtiva. As mulheres continuam a ser discriminadas pelo facto de serem apenas mulheres e isto tem a ver com um fator que está fortemente enraizado na nossa cultura, uma mentalidade de cariz machista que ainda prolifera atualmente, mesmo em algumas camadas mais jovens da nossa população. Alguns homens olham a mulher pela sua aparente fragilidade, veem a maternidade como algo impeditivo, que a torna incapaz de uma realização profissional.

É urgente reduzir as disparidades salariais entre homens e mulheres, proporcionar à mulher melhores condições de trabalho, permitir que ela possa conciliar, sem qualquer prejuízo, o acompanhamento dos seus filhos e a sua atividade profissional. A discriminação entre homens e mulheres continua profundamente enraizada na sociedade mas é importante sensibilizar toda a sociedade para a igualdade entre homens e mulheres no mercado de trabalho. O trabalho não é apenas uma satisfação das necessidades económicas do ser humano mas também uma forma de realização pessoal e um direito de

qualquer cidadão. É urgente que os diferentes atores sociais promovam a igualdade de género tanto em termos de ocupações, salários e de oportunidades de emprego. As políticas e os mercados de trabalho devem estar ajustados às necessidades dos cidadãos, independentemente de serem homens ou mulheres.

*Amélia Araújo – Professora do Ensino Secundário e Profissional e
Ativista Social*

A chaga da Pobreza Extrema

Numa era em que existem os recursos e a tecnologia para construir um mundo mais justo, a pobreza extrema torna-se inaceitável. Mas ainda há muito por fazer. Alguns países em situação de conflito ou pós conflito, vítimas de desastres ambientais ou a recuperar de longos períodos de instabilidade política e colapso económico, conseguem escassos ou nenhuns progressos. É o caso, por exemplo, do Burundi, da Guiné-Bissau ou da Tanzânia. Falamos de milhões de pessoas que morrem por não ter o que comer ou porque não têm acesso aos cuidados de saúde básicos. Mas falemos de tudo isto com mais detalhe.

A pobreza extrema e a fome crónica tornam o desenvolvimento muito mais difícil. A pobreza conduz à subnutrição e à doença, o que reduz o rendimento e a produtividade económica. Estes, por sua vez, exacerbam a pobreza e a fome pois as pessoas não têm acesso a alimentação, cuidados de saúde e habitação adequados, nem investem na educação dos filhos ou na sua própria iniciativa económica.

Esta “armadilha da pobreza” também causa impacto nas perspectivas de desenvolvimento macroeconómico: sem actividade económica e uma base tributária, o governo não pode investir na sua população e os investidores estrangeiros receiam quaisquer compromissos financeiros.

1.2 mil milhões de pessoas por todo o mundo vivem com menos de 1.25 dólar por dia (pobreza extrema). As pessoas extremamente pobres sofrem de fome e subnutrição e não têm possibilidade de aquisição de medicamentos essenciais ou de acesso a água potável e saneamento básico. Residem em casas pouco seguras, não têm tempo nem dinheiro para a educação e vivem política e socialmente excluídas das suas sociedades.

Partindo dos dados recolhidos através dos relatórios que serviram de base à arquitetura dos ODM importa assim retratar a situação actual:

- a pobreza extrema desceu de 29% para 18%, entre 2000 e 2007. O Objectivo de reduzir para metade o número de pessoas que vive com menos de um dólar por dia, até 2015, permanece alcançável. Tal conquista dever-se-á ao crescimento económico que se verifica na maioria do continente asiático. Em contraste, as últimas estatísticas demonstram que muito pouco progresso foi feito na redução da pobreza extrema na África Subsariana. Estima-se que o aumento do preço dos alimentos leve mais 100 milhões de pessoas a cair na pobreza extrema, sendo as regiões mais afectadas a África Subsariana e o Sul da Ásia, actualmente as regiões onde se verifica o maior número de pessoas a viver em pobreza extrema.

- a pobreza extrema está indissociavelmente ligada à fome crónica: 850 milhões de pessoas no mundo carecem de uma alimentação suficiente para satisfazer as suas necessidades calóricas básicas. A fome crónica conduz à subnutrição, a carência de vitaminas e minerais, a incapacidade física e mental, à fraqueza e à inanição. Acaba por tornar as pessoas vulneráveis à doença e agrava doenças às quais deveriam poder sobreviver.

- a proporção de crianças subnutridas com menos de 5 anos de idade diminuiu de 33% em 1990 para 26% em 2006. Contudo, neste ano, o número de crianças com peso abaixo do normal excedeu os 140 milhões. Na medida em que a subnutrição infantil é representativa da fome da população como um todo, o progresso alcançado não é suficiente para atingir a meta deste ODM até 2015. Pior: a situação global será agravada pelo aumento do preço dos alimentos.

Tanto os países desenvolvidos como os países em desenvolvimento devem tomar medidas decisivas para erradicar a pobreza e a fome crónicas. A Conferência de Alto Nível sobre a Segurança Alimentar Mundial, que decorreu em Roma, em Junho de 2008, identificou um número concreto de passos a dar para mitigar a fome. O mais urgente consiste no aumento da ajuda alimentar e na assistência à população pobre com o intuito dos mesmos obterem o máximo rendimento das próximas colheitas sazonais. Os países pobres têm de reestruturar as suas políticas públicas e canalizar recursos para responder à pobreza e à fome das suas populações, especialmente os marginalizados e os mais pobres, incluindo as populações indígenas, as mulheres e os doentes. Os

gastos com os pobres em áreas como a saúde, a educação e a formação profissional têm de aumentar. Algumas medidas essenciais: promover os programas de distribuição de refeições escolares; velar por que haja suficientes redes de segurança social para minimizar o impacto do abrandamento da economia mundial e da subida dos preços da energia e dos produtos alimentares nos pobres; ajudar os países em desenvolvimento, sobretudo na África Subsariana, a melhorar a agricultura de subsistência, a fim de aumentar de uma forma sustentável a produtividade a longo prazo e de dispor de uma base económica mais diversificada; promover um acesso equitativo aos recursos económicos e a oportunidades de emprego digno, sobretudo por parte dos grupos desfavorecidos como as mulheres e os jovens.

*Abraão Costa – Professor e Investigador em questões relacionadas com a
Extrema Exclusão*

A evolução do Educação Básica em Portugal

A educação, assim como todos os restantes campos governamentais e sociais estiveram quase sempre sobre o poder total de António de Oliveira Salazar.

Durante o Estado Novo e na opinião dos governantes, era indispensável ensinar a criança a ter uma conduta adequada perante o estabelecido e os trabalhos do campo/domésticos e não propriamente, instruir a leitura e a escrita, ou seja frequentar a Escola. Naquele altura, um dos maiores receios era a população rural aprender a ler e escrever, não querendo mais tarde retornar ao trabalho árduo dos campos e da casa. Era referido às crianças a possibilidade e a ambição de um ofício melhor do que o dos seus pais, não sendo, contudo, uma boa perspetiva de futuro. Na opinião dos governantes daquele tempo (antes do 25 de Abril de 1974), o filho do padeiro teria que ser padeiro; o filho do agricultor teria que ser, também, agricultor.

A mobilidade social era uma mudança inconcebível, permitindo-se atingir a excelência apenas com muito sacrifício e dedicação, mas sempre dentro do seu ramo de trabalho.

Consoante o ser humano e a sua evolução, alguns procuram assumir, com motivação, uma atitude de mudança e desenvolvimento. Existem os resistentes, agarrando-se ao passado, a atitudes e conceitos que já não correspondem à nossa realidade educativa/social.

Entretanto, o nosso país atravessou uma época de transformações, mais ou menos intensificadas, em todos os campos educacionais, suscitando diferentes reações na população.

O Ensino Primário era caracterizado por aprendizagens significativas, onde o papel do professor era lecionar as matérias daquele tempo e também educar, de uma forma assertiva, a pedido dos familiares das crianças a frequentar este ensino. A Família e Professor tinham um papel importantíssimo no desenvolvimento biopsicossocial da criança e promovendo assim o desenvolvimento integral dos alunos.

Atualmente, este regime escolar denomina-se por Primeiro Ciclo do Ensino Básico, onde algumas modificações/transformações foram efetuadas,

tanto ao nível do próprio ensino em si, como da educação e valores que a família incute no filho/aluno. O Primeiro Ciclo do Ensino Básico está assim, a ser alvo de uma profunda mudança, quer no plano curricular, quer no plano das condições de trabalho dos professores, neste caso decorrentes essencialmente da implementação das atividades de enriquecimento curricular neste sector de ensino.

Assim, conclui-se que, no que se refere ao ensino, os alunos que frequentam este ciclo, usufruem de Atividades Extra Curriculares (por exemplo inglês; ed. física; música, etc.) que não são obrigatórias, mas têm como principal função proporcionar aos alunos algumas competências e aquisição de conhecimentos, que facilitarão a ingressão futura no Segundo Ciclo do Ensino Básico (5º e 6º ano).

Filipa Carneiro – Assistente Social

Testemunhos de Jovens

Desenvolvimento Sustentável e o desafio das gerações vindouras

O Desenvolvimento Sustentável é o desenvolvimento do mundo sem prejudicar as gerações vindouras. A sustentabilidade ambiental só é útil se cada indivíduo tiver consciência de que a cada ato de consumo dos recursos naturais, corresponde sempre a um impacto que afeta o presente e o futuro.

Para diminuição destes acontecimentos, criaram-se as energias renováveis, bem como a reciclagem, a reutilização e a redução.

Como energias renováveis existe a eólica, a energia solar, energia hidráulica, e energia das marés. Se nós enquanto sociedade as preservarmos, estas poderão contribuir para um melhor bem-estar social e à partida esse prolonga-se no tempo.

A preservação do ambiente é um dever de qualquer cidadão, tendo em conta que o desenvolvimento sustentável é favorável a todos.

Cabe-nos a nós enquanto seres humanos prolongar esse processo.

Rita Marques

Igualdade de género ou desigualdade de género

Quando se fala de Desigualdade de Género a primeira questão que se levanta é o facto de as mulheres não terem os mesmos direitos que os homens de uma forma geral. Mas, a verdade é que vai muito mais além disso, na minha opinião trata-se de uma questão de desigualdade humana que pode levar a consequências terríveis, principalmente quando falamos nos países menos desenvolvidos, que ainda estão muito ligados à sua tradição.

É frustrante em pleno século XX ainda existirem destas atrocidades, pior ainda é viver no meio delas. Falando um pouco agora do nosso país, em Portugal estas desigualdades ainda não são tao terríveis como noutros países, mas a verdade é que ainda existe discriminação entre mulheres e homens, a começar no fato de ambos em profissões idênticos serem remunerados de forma diferente.

O que ainda me choca mais é saber o que tantas mulheres, como Carolina Beatriz Ângelo, primeira mulher a votar em Portugal, lutaram para um país onde a igualdade entre sexos fosse uma realidade, situação que ainda hoje conhece barreiras quase inultrapassáveis, senão vejamos os nossos representantes políticos.

Hoje aqui a refletir sobre este assunto, pergunto-me se valeu a pena se valerá a pena continuar a lutar contra a desigualdade de género. Estamos numa situação em que os direitos se vêm ultrapassados por um crise em que solução austeridade nos condiciona e nos faz esquecer quem queremos ser, sobretudo quando se é mulher.

Sara Gomes

Pobreza extrema vista por uma "privilegiada"

Enquanto jovem e não tendo uma grande consciência daquilo que é a pobreza extrema, visto que numa vivenciei uma experiência assim, considero que podemos designar por pobreza extrema uma grande falta de recursos económicos que levam a uma subnutrição e à doença.

A pobreza origina muitos tipos de problemas visto que as pessoas não têm acesso ao ensino básico, à saúde, à alimentação, condições mínimas de sobrevivência. Quando penso nestas questões concluo o quanto às vezes somos egoístas pois nunca nos contentamos com aquilo que temos. Milhares de crianças do outro lado do Mundo passam sede e fome, morrendo até por causa disso enquanto nós ficamos aborrecidos se a nossa mãe não nos traz do supermercado a nossa marca preferida de cereais.

Sempre me disseram que Portugal está “no cantinho do paraíso” e isso é verdade pois mesmo estando a atravessar esta forte crise existem realidades muito mais pavorosas que nos entram pela televisão todos os dias. Contudo considero que tornar gratuito o acesso à saúde e ao ensino iria ajudar significativamente esses países. A criação de associações com a finalidade de apoiar pessoas nessas situações deve continuar a ser uma aposta do nosso país e outros apesar de sabermos que ainda temos um longo caminho a percorrer.

Andreia Silva

Educar para fazer a diferença

“Educar é saber ensinar não é transferir o conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção”

Paulo Freire

Ao longo dos últimos 100 anos são notórias e sobretudo imprescindíveis as transformações que o ensino em Portugal tem vindo a sofrer gradualmente.

No final da Idade Média e, posterior à Idade Moderna a aprendizagem de comportamentos e dos saberes necessários para a integração social processava-se no seio familiar e na comunidade. Este espaço foi mais tarde substituído por “*um espaço especializado de processos educativos intencionais*” – a escola. (Nóvoa, 1987). Por conseguinte, inicia-se um processo de construção que permitiu a passagem de uma sociedade em que a escola se efetuava por uma impregnação cultural, para uma sociedade dotada de um sistema complexo de ensino público.

Por este sentido, ao conceito de escola associa-se por inúmeras vezes finalidades tais como: promover a mobilidade ascendente das classes populares, disponibilizar condições que possibilitem a aquisição de competências básicas de alfabetização e de aritmética e incrementar a igualdade de género, visto que as mulheres sempre foram omissas do sistema educativo. Uma ideia que delimitou forma após o século XVIII com a Revolução Francesa.

Porém, o processo de construção e transformação, nem sempre conseguiu acompanhar o ritmo de desenvolvimento da sociedade, o que desencadeou um acréscimo das desigualdades sociais, essencialmente nas categorias de pobreza. Um fenómeno que na sociedade contemporânea é objeto de estudo por diversos especialistas.

Nesta linha de pensamento, vários autores defendem a escola como promotora das diferenças sociais, como é exemplo Althusser quando afirma que o estado democrático está a utilizar a escola para difundir a ideologia do

mesmo, isto é, o aparelho ideológico dominante porque mais nenhum tem uma audiência tão grande, tão prolongada, intensa, obrigatória e gratuita.

Pierre Bourdieu, na sua análise refere-se à forma como as escolas, juntamente com outras instituições de socialização, vão atuar de modo a perpetuar as desigualdades sociais, pois interessa às classes dominantes que estas existam. Bourdieu acrescenta ainda que a escola é o principal meio para formatar o pensamento. Os conteúdos transmitidos nas escolas pertencem a uma determinada classe social, por isso os que estão em sintonia têm sucesso, outros acabam por ser responsáveis pelo seu fracasso.

Mais uma vez, debruçamo-nos sobre as questões das desigualdades, ou seja, se o sujeito não se encontrar apto a integrar o sistema educativo, com naturalidade se distanciará da escola, não sendo possível a mobilidade ascendente.

Através dos oito Objetivos Do Milénio (ODM) pretende-se alcançar o ensino universal até 2015, no sentido, como inicialmente fora referido, de erradicar a pobreza. Para que tal aconteça, é necessário existir uma diminuição dos custos ao nível do sistema educativo, a construção de mais instalações escolares nos meios rurais, bem como da contratação de mais docentes.

Contudo, as finalidades a que se propõe os ODM são encaradas como uma utopia quase impossível de alcançar, visto o fenómeno de Pobreza ser bastante mais complexo e abrangente para que a escola seja, suficientemente capaz de combater, principalmente, quando nos apercebemos que a escola é também um espaço promotor das desigualdades sociais.

Para terminar, acrescento ainda, que para além das medidas estipuladas para erradicar a pobreza e instituir o ensino universal é necessário uma conscientização, como refere Paulo Freire na sua obra "*Pedagogia do Oprimido*". É necessário, acima de tudo, existir um tempo para que os próprios cidadãos tomem consciência do seu papel, enquanto elemento participativo da sociedade.

Maria Ferreira

Ensino Básico

Entende-se por educação um meio para adquirir conhecimento, para moldarmos a nossa personalidade, de forma a tornarmo-nos autónomos e com capacidade crítica de modo a adaptarmo-nos às constantes mudanças que surgem na sociedade.

A Educação é inerente ao homem desde o seu nascimento até á sua morte, dado que, todos os dias surgem novas descobertas, o homem vai aprendendo com elas, aperfeiçoando-as e transmitindo os seus conhecimentos.

A Revolução Industrial veio alterar a importância da educação na sociedade da altura, as novas exigências laborais e sociais vieram alterar a perceção que estes tinham acerca da escola, passando assim de uma sociedade pouco instruída para uma sociedade que estava disposta a apostar na sua educação e na educação dos seus filhos.

Com o fim do regime autoritário em Portugal, foram feitos esforços no sentido de mudar a cultura do país, assim criaram-se campanhas de alfabetização que tinham como objetivo a rápida expansão do sistema educativo em Portugal e o direito à educação passou a ser considerado universal e importante para todos mantendo-se sempre uma perspetiva de diversidade. Acabaram assim as distinções entre classes sociais e a educação básica passou a ser obrigatória para todos. Deste modo, as crianças passaram a ter um desenvolvimento equilibrado menos dependente dos estatutos familiares acabando-se os privilégios entre classes. Criou-se assim, uma sociedade mais igualitária e deu-se grande importância a função educativa em detrimento da função instrutiva.

Nos dias de hoje, a educação passou a acompanhar o progresso tecnológico e, deste modo, a escola teve de criar novas ferramentas para preparar os seus alunos para o mundo de trabalho, atendendo a este facto, deu-se a criação de novos currículos que exigem metodologias de trabalho que se liguem às novas perspetivas do mundo atual.

A escola vê os alunos como um todo e não como um ser único dotado de capacidades diferentes não abrindo espaço às diferenças e subjetividade dos alunos e não garantindo iguais oportunidades de sucesso escolar entre os mesmos, desta forma, a escola não valoriza a diversidade cultural da população escolar, dado que, os currículos não consideram a origem social dos alunos. Outro ponto a referir é o afastamento entre a escola e as famílias oriundas de classes sociais mais desfavorecidas, esta postura da escola face a estas famílias reproduz desigualdades sociais, dado que, a escola em vez de garantir a igualdade de oportunidades entre todos os alunos, acaba por manter as diferenças existentes na sociedade. Não é por acaso que a maioria dos casos de insucesso e de abandono escolar concentra-se em crianças oriundas de classes sociais mais baixas, com menores recursos económicos, culturais e sociais.

A escola enquanto ferramenta de transformação social tem de se transformar e reorganizar-se no sentido de dar respostas aos novos desafios da Globalização, de qualquer forma, entre fazer parte dela ao passar ao seu lado, continua a ser melhor fazer parte da mesma. Goste-se ou não, continua a ser a instituição que mais contribui para a inclusão e progressão social.

Patrícia Sampaio

Já fomos, queremos continuar a ser... mas com todos *(Manifesto final do Projeto Manuscritos 2015)*

Já fomos uma sociedade de ideais, esperança e ideias para um mundo melhor, queremos continuar a ser na certeza que o somos, na diferença que desta vez todos devem ter lugar do Ocidente ao Oriente. Esta é a causa utópica a que a PASEC e parceiros internacionais se juntam no âmbito do Projeto Manuscritos 2015, apoiado pelo Programa Juventude em Ação da União Europeia.

Em Setembro de 2000, os dirigentes mundiais reunidos na Cimeira do Milénio reafirmaram as suas obrigações comuns para com todas pessoas do mundo. Comprometeram-se então a atingir um conjunto de Objetivos de Desenvolvimento do Milénio (ODM). Até 2015, os 189 Estados Membros das Nações Unidas comprometeram-se a: Erradicar a pobreza extrema e a fome; Alcançar o ensino primário universal; Promover a igualdade de género; Reduzir a mortalidade infantil; Melhorar a saúde materna; Combater o VIH/SIDA, a malária e outras doenças; Garantir a sustentabilidade ambiental; Criar uma parceria global para o desenvolvimento.

Acreditamos que a resposta para estes desafios é eminentemente política, por isso importa recordar as grandes lideranças do passado e o caminho que ajudaram a traçar para a resolução de problemas que levaram ao nascimento dos ODM.

Um grupo de 30 jovens da Polónia, Portugal, Malta, Roménia, Turquia, Lituânia e Itália, entre os 17 e 32 anos, reunidos em Portugal entre 31 de Julho e 5 de Agosto de 2012, tendo por base grandes líderes históricos como Martin Luther King, Mahatma Gandhi e Nelson Mandela, redigiram e aprovaram por unanimidade o presente manifesto. Os trinta jovens participantes foram eleitos por uma população juvenil superior a 1200 jovens dos vários parceiros envolvidos

Martin Luther King foi um pastor negro americano que lutou pelos direitos dos negros na década de 60. Ficou conhecido pelo seu discurso em

Washington, capital americana em 63, perante 250.000 mil pessoas, onde dizia repetidamente “eu tenho um sonho...”. Este Prémio Nobel da Paz foi escolhido pela sua visão de igualdade racial e de direitos civis dos afrodescendentes.

Analisando a segregação vivida dos Estados Unidos e as várias privações sofridas pelas minorias raciais, é claro que este visionário se apercebeu da necessidade de igualdade de uma educação básica universal, impedida pela segregação dos negros no sistema educativo.

Mahatma Gandhi, nascido na Índia no final do século XIX, foi o maior promotor da independência da Índia do domínio britânico recorrendo sempre à máxima da não-violência, da paz e da verdade. Tomamos este homem como exemplo de luta e mudança que envolve o povo sem nunca apelar à violência ou vingança.

Nesta Índia empobrecida, a visão de Gandhi proclamava uma Índia autossustentável e de respeito pela natureza. Este homem, mais de meio século antes da proclamação dos ODM, já fazia da erradicação da pobreza extrema e da fome a prioridade das prioridades.

Nelson Mandela foi tomado como o exemplo de África da luta pela liberdade. No regime do Apartheid, depois de 27 anos de prisão, a intervenção da ONU e da Commonwealth na condenação do regime, foram decisivas na mudança de regime na África do Sul. Este é um bom exemplo de como as parcerias internacionais podem ser decisivas como prevê o ODM de uma parceria global e internacional para o desenvolvimento.

É dentro deste contexto que os ODM foram redigidos. Temos consciência que as metas traçadas para o seu cumprimento até 2015 são, na melhor das perspetivas, utópicas, mas isso não nos impede de lutar por elas. Não devemos olhar para os Objetivos de Desenvolvimento do Milénio como um propósito com prazo de validade, mas como linhas de referência para trabalho até que, finalmente, estes sejam cumpridos.

Por isso temos um sonho, propomos:

1. Melhoramento dos bairros degradados e investimento em habitações dignas e a preços acessíveis para as classes económicas mais baixas;
- 2.

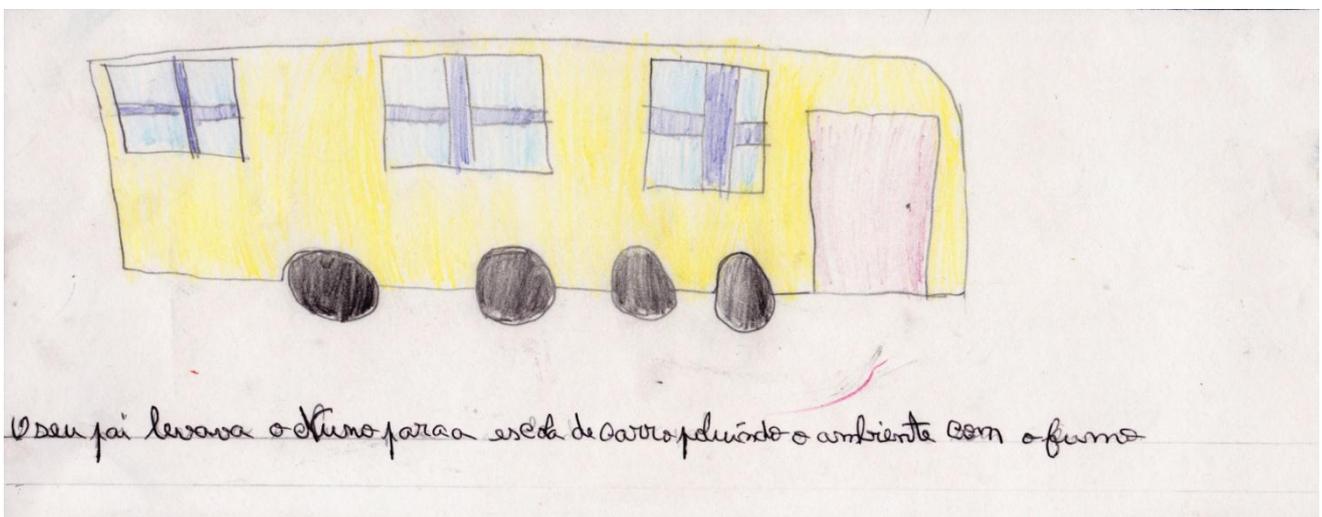
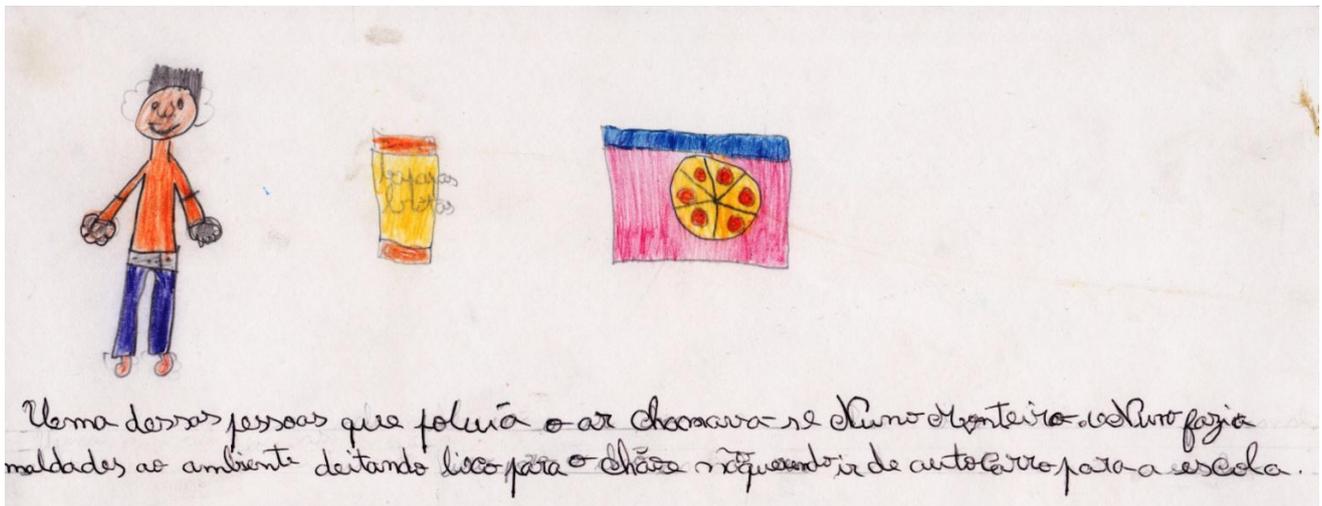
3.

4. Promover, globalmente uma cobertura completa e universal dos sistemas de saúde primária, mesmo nos ditos países de primeiro mundo;
5. Aumentar o suporte para os poderes políticos e para projetos sociais para acelerar a consecução das metas dos ODM que beneficiam equitativamente os dois sexos, mas principalmente as mulheres e os jovens;
6. Proteger a educação e dar-lhe principal prioridade nos orçamentos nacionais e nas principais organizações mundiais;
7. Velar por que haja suficientes redes de segurança social para minimizar o impacto do abrandamento da economia mundial e da presente crise europeia;
8. Promover um acesso igualitário aos recursos económicos e a oportunidades de emprego digno para os jovens, mulheres, pessoas com baixa escolaridade e com necessidades educativas especiais;
9. Financiamento e apoio aos países pobres para a adoção de estratégias reais e sustentáveis para a operacionalização dos ODM.

Estas parecem-nos propostas coerentes, reais, já previstas de uma forma ou de outra na fundamentação que serviu de base aos ODM e que nos permitirão num futuro incerto perceber e dar a perceber que **"Já fomos, queremos continuar a ser... mas com todos"**

Pensamos e intervimos através do desenho...







Igualdade de Género

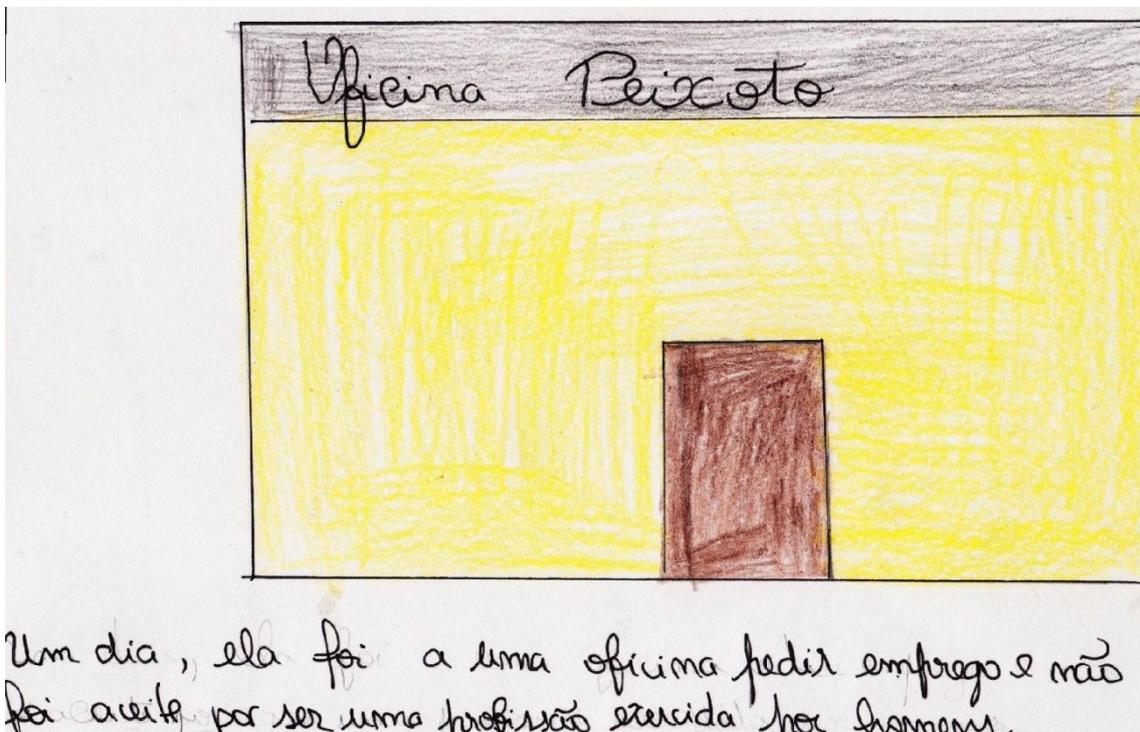




Ela era forte e achava-se capaz de fazer esse trabalho.



Éra uma vez uma rapariga que tinha um sonho de ser mecânica.





Quando lá chegou e colocou a sua proposta, esta foi aceite, mas disseram - lhe que não era capaz.



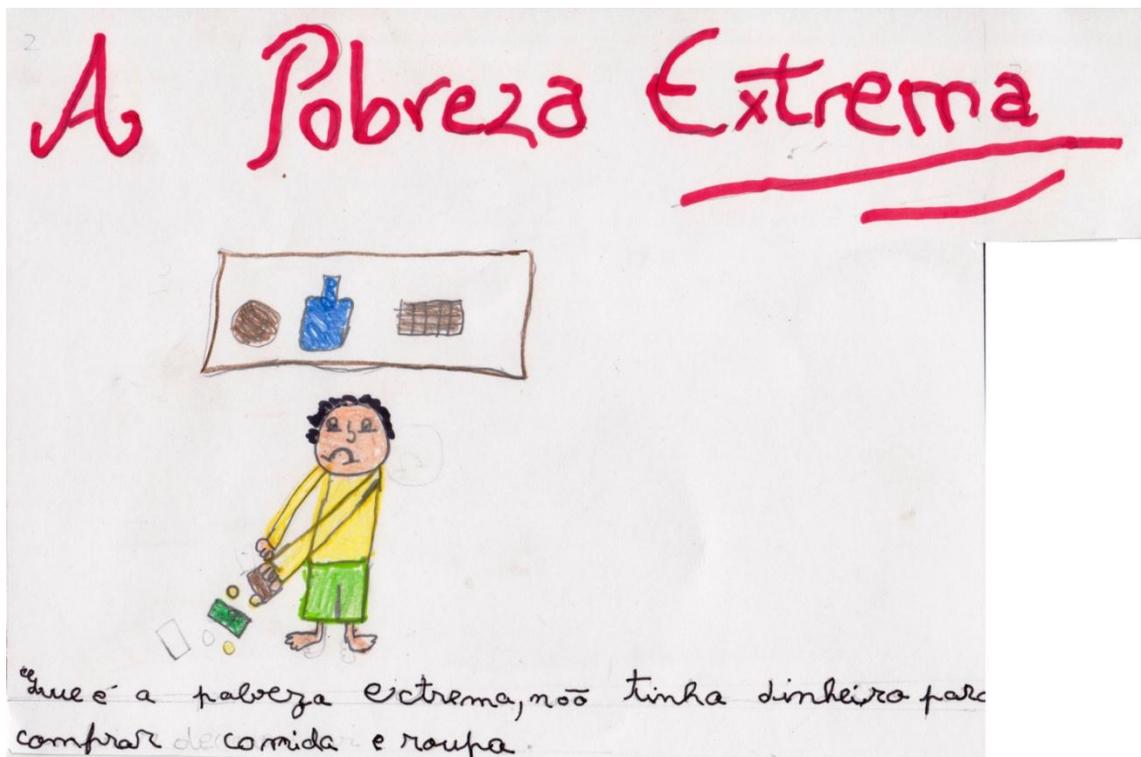
Desde então a Dra. Manuela começou a trabalhar. Num desses dias surgiu na oficina um problema complicado de resolver.





Pobreza Extrema







A casa dele não estava em muito bom estado, nem tinha um animal de estimação.



Num dia a família decidiu passear



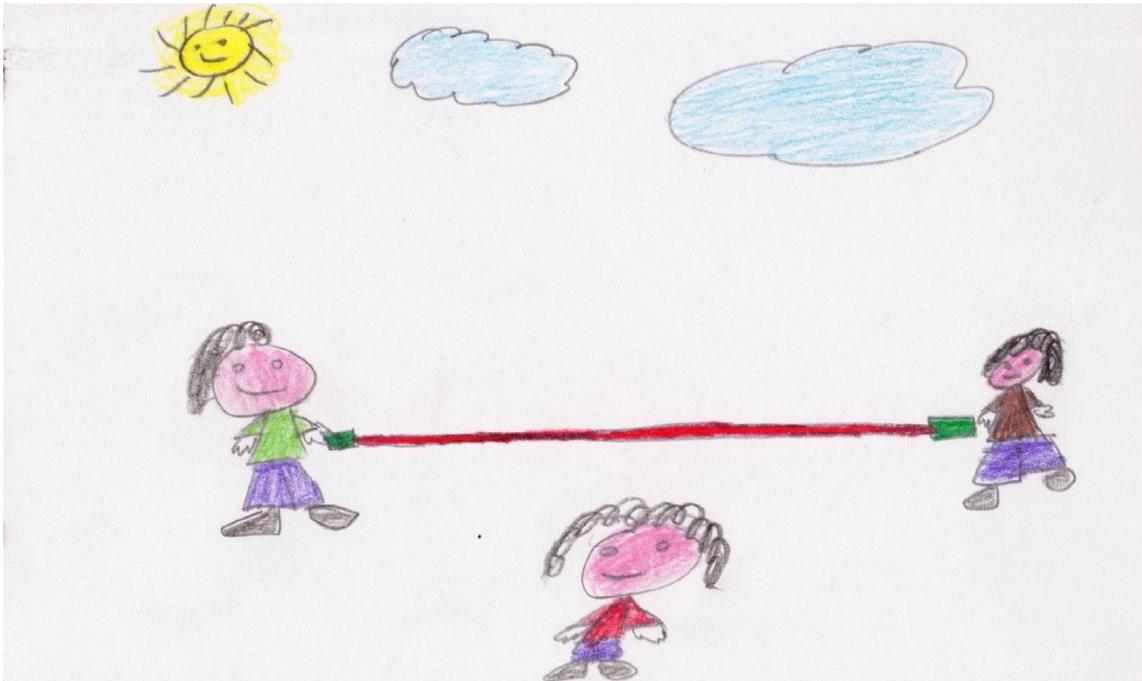


9

Se podes ajudar pessoas
nestas situações faz-lo, pois
eles precisam de Ti!

Ensino Básico





Éra uma vez um país muito longe onde as crianças nunca tinham ido à escola porque não havia nesse país escolas nem dinheiro para as construir.



Um dia um grupo de jovens foram fazer uma visita de estudo a esse País e aperceberam-se dessa situação.

